



MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 43 a 49

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUMMARY: Eugène Gigout — O violino d'Ingres — Concertos — Noticiário

Eugène Gigout

Quando, ha cerca de tres annos, morreu em Paris o grande organista Alexandre Guilmant, não se encontrou capacidade superior á de Eugenio Gigout para dirigir a cadeira d'orgão no Conservatorio da grande capital.

No magisterio musical, o ensino do orgão é dos mais delicados; requer um sem numero de qualidades, de *virtudes* por assim dizer, que o collocam acima de qualquer outro ensino artistico. O ambiente d'arte, que se creou em volta do lendario instrumento sacro, do rei dos instrumentos, é de molde a excluir toda a banalidade e arredar tudo o que não seja austero, elevado e nobre. N'este campo especial d'arte, Cesar Franck, Carlos Widor, Guilmant, e alguns mais, fizeram da sua profissão um verdadeiro sacerdocio.

O mesmo se póde dizer de Gigout, que

além de compositor, improvisador prodigioso e organista absolutamente *hors de pair*, como diz o proprio Saint-Saëns, é um professor dos mais respeitados, dos mais probos e dos mais modestos. Cesar Franck affirmava que Gigout incarnava a propria musica!



Eugène-Gigout

Nasceu este notavel mestre em Nancy, em 1844. Quando ainda creança, e mostrando já uma rara propensão para a musica, teve por mestre a Bazile Maurice, mestre de capella na cathedral d'essa cidade. Ensinou-lhe Maurice os primeiros elementos de solfejo e de harmonia, enquanto G. Mess o leccionava em piano. Em 1857 inscreveu-se na Escola de Musica Religiosa de Paris, fundada quatro annos antes por Niedermeyer. Depois de cinco annos de estudo, o successor de Alexandre Guilmant podia considerar-se mestre: era pelo menos um *virtuose* e um tecnico

irreprehensivel. Continuou no emtanto a trabalhar com Niedermeyer, com Loret, e sobretudo com Camillo Saint-Saëns,

que já vimos como apreciava o talento do discípulo.

Em 1862, Eugène Gigout era nomeado professor de canto-chão na Escola de Musica Religiosa, não cessando de prodigalizar a sua profunda sciencia e a sua invulgar erudição a uma legião de discípulos, entre os quaes se contam algumas authenticas celebridades, como Gabriel Fauré, André Messager e outros.

A nomeação de professor do Conservatorio, em 1911, veio consagrar definitivamente este artista tão valioso quanto modesto.



6 violino d'Ingres

Em Montauban, França, inaugurou-se ha pouco o museu Ingres. Ali se reuniram uns milhares de desenhos e *croquis* do primeiro mestre desenhista de que a França se pôde orgulhar e essa collecção é uma das mais instructivas e interessantes que o artista do presente ou do futuro pode consultar.

Não fallariamos comtudo n'esse precioso repositório de primores de um lapis privilegiado, se entre elles se não encontrasse, cuidadosamente envitrinado, o famoso violino que passou á historia como um symbolo do dilettantismo.

O violino d'Ingres! Não é uma lenda ou um simples symbolo; elle lá está na vitrina de Montauban, para quem o queira admirar.

Já ha dois annos, quando houve em Paris uma exposição das obras do mestre, o que o publico mais curiosamente apreciava não era a *Virgem da Hostia*, emprestada pela Academia Imperial de S. Petersburgo, ou o *Bonaparte, primeiro Consul*, enviado pela cidade de Liège, ou o *Voto de Luiz XIII* da cathedral de Montauban — não; era o violino, o tal violino, que é igual a qualquer outro, mas que é... o violino d'Ingres. E tal é o poder de uma formula, que em frente da banal vitrina accumulavam-se as multidões ha dois annos em Paris, como hoje se accumulam em Montauban.

Sabem os nossos leitores o que se entende por esta locução: o *violino d'Ingres*?...

Quando se diz de uma pessoa que tem o seu *violino d'Ingres*, quer-se dizer que, fora da sua profissão, exerce essa pessoa, por prazer e como amator, uma arte qual-

quer de que tira uma certa vaidade. Dava-se o caso com Ingres, que se mostrava mais envaidecido com os seus talentos, talvez discutíveis, de instrumentista, do que com os seus tão legitimos triumphos de pintor.

Justificado ou não, o certo é que o orgulho do violinista era para o grande artista mais vehemente que o orgulho do pintor. E esse sentimento d'amôr proprio é bastante frequente em todos os que praticam uma arte ou um officio, por prazer ou por diversão intellectual ou phisica.

Quando elogiavam Dumas pae pela sua enorme producção litteraria, respondia elle: «E' certo, escrevi uns 600 volumes, mas o que vae fazer uma revolução é uma obra que estou escrevendo sobre cosinha. Essa é que vae ser a minha melhor gloria» A cosinha era o *violino d'Ingres* do grande romancista.

O *violino d'Ingres* foi o peccadilho de todas as epochas. Já existia antes da formula, mas nunca se vulgarisou tanto como no tempo actual. Quem é que hoje não tem o seu *violino d'Ingres*? Toda a gente pinta, ou canta ou recita ou toca piano ou qualquer outro instrumento. Em França ha o *Salon Militaire*, que é como quem diz um salão de pintura, feita por... officiaes do exercito!

Tambem ha lá o *Salon du P. L. M.* em que a mesma especie de *violino d'Ingres* subiu á cabeça dos prosaicos empregados do caminho de ferro!

Não se creou tambem uma orchestra de medicos! A ella nos referimos já mais d'uma vez n'esta revista.

Quanto á litteratura, é o *violino d'Ingres* mais vulgarizado. E' tão facil escrever! Não se precisam aptidões especiaes; mesmo o estylo e a orthographia não são essenciaes. Escreve-se como se pensa e, quando se não pensa, escreve-se... como calha. Assim é que não faltam nem os poetas, nem os auctores dramaticos, nem os romancistas!



Muitos pintores adoptaram a musica como arte secundaria. Para o artista creador a musica é o repouso na febre do trabalho. Carolus Duran, nos seus intervallos de pose, toca órgão. O grande paisagista Harpignies, quando era menos idoso, largava de bom grado os pinceis para fazer resoar o violoncello.

O violoncello d'Harpignies é o digno *pendant* do violino d'Ingres, mas sobre o valôr musical do famoso paisagista é que

não ha a menor duvida. Chegou a tocar trios com Diémer e Sarasate e todos lhe admiravam a poderosa sonoridade e o vigor da arcada. Delsart, o celebre violoncellista francez, fallecido ha annos, era grande admirador de Harpignies. Hoje, o violoncello do notavel pintor quasi centenario repousa como uma reliquia no atelier onde vivem, eternamente jovens, muitas das suas obras primas.

*
* *

Fazia-se um livro curioso com a historia do *violino d'Ingres*. Ahi veriamos o Rei Sol como dançarino; Luiz XVI a trabalhar de serralheiro junto á forja; Luiz Felipe dando lições de mathematica; Pedro o Grande carpinteirando em Saaradam; o Grande Condé jardinando nos canteiros de Vincennes.

A historia do *violino d'Ingres* lançaria uma luz nova e bastante exacta sobre a phisionomia moral dos homens illustres. Nem sempre se é senhor de escolher a profissão de que se vive; a arte ou occupação de recreio representa, pelo contrario, um acto de livre vontade, que só obedece á inclinação e gosto pessoal, e é sobre os actos d'essa natureza que se pode fixar a psychologia de qualquer. Julguemos pois as pessoas pelo seu *violino d'Ingres*, que constitue a manifestação das suas intimas predileções, das suas aspirações, e portanto a revelação da sua verdadeira personalidade. Não é o *violino d'Ingres* muitas vezes o desforço d'uma vocação entravada por influencias estranhas ou pelas necessidades da vida?

Em todo o sêr intelligente e activo, não é difficil encontrar o *violino d'Ingres*. Jean Jacques Rousseau repousava da philosophia escrevendo musica. Rossini repousava da musica cosinhando pratos saborosos. Victor Hugo, fatigado de fazer versos, desenhava ruinas gothicas. Gustave Doré, quando se aborrecia de manejar o lapis, empunhava como Ingres, o violino, que tocava por signal detestavelmente.

Parece que o *violino d'Ingres* devia ser apanagio dos homens de negocio, dos industriaes, de todos os que estão presos á carteira por um trabalho absorvente e monotono. Não. E' pelo contrario no mundo da arte que elle está mais vulgarizado.

Entre os comediantes francezes, o *violino d'Ingres* é cousa corrente. Sarah Bernhardt, Mounnet Sully, Albert Lambert pae, fazem escultura; o filho d'este ultimo, assim como Georges Baillet e Louis

Delaunay dedicam-se á pintura; Galipaux toca violino; Falconnier, qual outro Guilherme Tell, diverte-se a despedir flechas, pondo um fructo, por alvo, sobre a cabeça dos .. discipulos.

Ravet, da Comedia Franceza, é inventor, e apresentou ao Ministerio da Marinha um projecto para um aparelho de salvamento para submarinos. O tenor Léon Boyle, da *Opéra Comique*, tambem se distingue na mecanica e imaginou um dispositivo especial para os automoveis.

Mas o *violino d'Ingres* de muitos cantores, musicos e comediantes é a agricultura. O celebre tenor wagneriano Van Dick dedica-se em grande escala á creação de gado, nas suas vastas propriedades dos arredores d'Anvers; os tenores Affre e Salignac já tem sido premiados como viti-cultores.

O pianista Paderewski é avicultor e orgulha-se de possuir as mais bellas raças de galinhas que existem. Germain, comico do Palais Royal, cultiva peras como ninguem. E Kubelik tem mais enthusiasmo por uma partida de xadrez que pelas glorias d'um concerto...

*
* *

Para os soberanos, o *violino d'Ingres* é quasi uma necessidade e para muitos uma paixão.

O *violino d'Ingres* do nosso rei D. Luiz era... o violoncello. Para D. Carlos e para D. Amelia era a pintura, em que o primeiro era absolutamente exímio. Seu filho, o ultimo rei portuguez, tinha tambem o seu *violino d'Ingres*, o piano. A rainha Wilhelmina illustrou uma edição das *Mil e uma noites*. A rainha d'Espanha pinta flores e aves. A da Belgica toca violino.

O imperador da Allemanha tem uma orchestra completa de violinos d'Ingres: é pintor, historiographo, orador, critico d'arte, autor dramatico, compositor de musica. O rei d'Inglaterra contenta-se em colleccionar estampilhas e tem, segundo dizem, o album mais completo que existe.

O rei d'Italia é um erudito numismata, e sua mulher, a rainha Helena, é pintora e poetisa. Herdou o gosto pela poesia de seu pae, o rei Nicolau do Montenegro, que escreveu dois volumes de versos.

Mas a Magestade mais illustre na litteratura é sem duvida a rainha Isabel da Romania, que, sob o pseudonymo de Carmen Sylva, tem escripto mais de cincoenta volumes, em que o enthusiasmo pelas len-

das e tradições do seu paiz só é igualado pelo extraordinario talento da escriptora.

O czar Nicolau dizem que é um excellentissimo lavrador.

Nos homens publicos da França, e referimo nos especialmente a este paiz por ser de uma revista franceza que extractamos estas notas, tambem são vulgares os *violinos d'Ingres*.

Waldeck-Rousseau foi um aguarellista de talento. O ex-presidente Fallières é poeta, como tambem o é Arriaga, o nosso presidente.

Poetas são tambem Combes, Pelletan, Georges Leyguès, Cuyba, Rivet e tantos outros.

O *violino d'Ingres* está em toda a parte e tem indubitavelmente a sua utilidade moral. Quando outras vantagens não tenha, distrahe o artista, o homem d'estado, o escriptor, todo o trabalhador emfim, da sua tarefa diaria. E' o oasis, é o repouso. Quem sabe se o proprio Ingres teria desenhado e pintado com a admiravel serenidade que tranparece em toda a sua obra, se não fosse o consolo do seu violino? Não critiquemos as pequenas manias do dilettantismo, mais ou menos pueril, de de que os outros tiram vaidade. Respeitemos o *violino d'Ingres* de cada qual, para que respeitem tambem o nosso.



Noite deliciosa, noite abençoada, a de 12 no Conservatorio.

Apresentava-se aos felizes de bom gosto que ali foram, uma gentilissima cantora Madame Chiarina Fino Savio, em programma proprio para evidenciar todas as preciosas qualidades que a notabilizam.

Começando por nos dar nas composições de Marcello, Rontani, Falconieri e n'uma datada de 1716, de auctor desconhecido, a noção da fórma como interpreta e restitue á vida os auctores antigos, o que fez com singular relevo e perfeita comprehensão, proseguiu, captivando a assistencia pelo modo como reproduziu Schubert, Schumann, Brahms, Debussy, Respighi, Wolf e Grieg.

Algumas das assombrosas e inesqueciveis paginas com que nos poz em contacto,

teve ella a delicadeza de bisar, tal o encanto com que positivamente no-las fez sentir ao da-las a conhecer.

Cantando em italiano, em allemão, em francez, em todas as tres linguas Chiarina Savio demonstrou saber phrasear, emittir a voz com segurança e com mestria, e estar na posse da technica necessaria para valorisar com o seu talento de executante a obra dos auctores que nos fazia ouvir.

Junte-se a isto a dóse de emoção necessaria e com a qual nos fez ver a sua alma, que é bem a alma d'uma italiana, representante da boa tradição do canto, e concluir-se-ha sem esforço que sempre que ella der ao publico o prazer de a escutar te-lo-ha preso da sua voz, como agora aconteceu.

Completo o concerto a audição de alguns trechos de boa musica pianistica em que as executantes D. Adelaide e D. Emilia Sabido da Costa, revelaram qualidades dignas de apreço e merecedoras das palmas que as acolheram.

Invejavel serão de arte que pena será se não poder repetir-se, porque conviria que uma parte do publico que só conhece as romanças, genero Tosti, fosse travando conhecimento com o genero de musica que Madame Fino Savio lhe offereceu e que evidentemente põe em vibração mais do que sensações porque nobremente se dirige á intelligencia que eleva e á sensibilidade que afina.

*
*
*

Continuam no Porto as tão interessantes sessões de musica de camara, que Moreira de Sá ali iniciou no anno passado, e que continuam a attrahir a attenção e o applauso de todos os amadores portuenses.

A do dia 16 tinha no programma o *Trio*, op. 29 de Vincent d'Indy e o *Quarteto*, op. 27 de Grieg, sendo executantes os srs. Moreira de Sá, Alberto Pimenta, Benjamin Gouveia, J. Casaux e Pedro Branco.

*
*
*

Nos sabbados 15 e 22 do corrente realisaram-se no Olympia os dois primeiros concertos de musica de Camara da serie de 6 concertos para que se abriu assignatura.

Aplaudimos com entusiasmo uma tal iniciativa que merece a protecção de todo o publico que se interessa por questões d'arte, mas desde logo lhe vaticinamos um mediocre resultado financeiro.

Se a Musica de Camara não consegue, mesmo lá fóra, ter muitos adeptos, entre

nós é geralmente tratada com completo desprezo pela maioria do publico. Só um resumido grupo de amadores *carolas* frequentam os concertos d'este genero.

Por todos é sabido que grandes artistas nos tem visitado, exhibindo-se em concertos de musica de camara com um limitadissimo numero de ouvintes.

A Sociedade de Musica de Camara lutou durante annos com a falta de protecção e mesmo actualmente está empregando esforços, (cujo resultado é bastante duvidoso), para conseguir realisar algumas audições de incontestavel interesse artistico.

Alguns illudidos ha, que attribuem a falta de concorrência aos concertos do Olympia, ao facto de estes se realisarem em dias de semana, ás 4 horas da tarde. E' possivel que algumas pessoas se vejam privadas de comparecer pela razão apontada, mas crêmos bem que, transferidos os concertos para a noite, a concorrência não augmentará um terço.

Dos artistas que compõem o grupo do Olympia conheciamos, como antigo interprete do genero, o pianista Bonet. Todos lhe conhecem o valor pianistico e as raras qualidades de musico *d'ensemble*. O violinista Forsini, cremos que pouco se tem dedicado ao genero classico. Ouvimol-o na epocha passada pela primeira vez nos concertos organisados por Rey Colaço, executando obras de musica de camara. O violinista Quilez, artista de incontestavel valor, só agora conhecemos como executante do genero, assim como os artistas Remartinez (2.º violino) e Pastrana (viola).

Alguns d'estes artistas ressentem-se, como é natural, da sua constante permanencia no sextetto e da falta de conhecimento do genero a que agora se dedicaram. Esta nossa observação não deve ser tomada como desprimor, pois ninguem ignora que, grandes musicos existem, que, esplendidos solistas e eximios *virtuoses*, são incapazes de desempenhar cabalmente uma parte n'um quartetto classico.

Para ser bom quartettista não basta virtuosidade, é necessario grande pratica n'esse genero de musica, conhecimento perfeito do estylo das obras a executar, sobriedade na dição e ainda cuidadosa cautella na sonoridade para que o equilibrio seja completo.

N'estes concertos ouvimos dois quartettos de corda; o 9.º de Beethoven e o de Grieg, op. 27.

A escolha do quartetto de Beethoven deveria ter recahido, a nosso vêr, sobre um dos primeiros seis da collecção. Do setimo em diante as difficuldades augmentam,

de fórma que só quartettistas experimentados e depois de aturado estudo poderão executar a contento essas grandes obras cheias de escabrosidades.

Assim a execução do quartetto 9.º tornou-se mais ou menos confusa em todos os andamentos com especialidade na *fuga*, obra de grande transcendencia e de egual difficuldade.

O quartetto de Grieg não demanda o rigorismo classico exigido ás obras do *mestre* mas requer grande sonoridade e brilhantismo. Este quartetto apesar de um distincto critico ter escripto que lhe parecia executar-se agora pela primeira vez, foi tocado ha dois annos em Cascaes por Benetó, Calvo, Galvez e Escobar, pouco depois foi executado no Salão do Conservatorio pelo quartetto Moreira Sá, da qual fazia então parte Guilhermina Suggia; foi executado magistralmente pelo celebre Quartetto Tcheque que esteve ha annos em S. Carlos e a Sociedade de Musica da Camara já por tres vezes o incluiu nos seus programmas. Por aqui se vê que não é o quartetto de Grieg uma novidade para o nosso publico, mas antes um velho conhecimento.

O quartetto do Olympia levou o intermezzo um pouco vivo. O Quartetto Tcheque executava-o com muito mais serenidade e assim a transição rapida para o *vivace* produzia grande effeito.

Foi o ultimo andamento aquelle em que os artistas estiveram mais felizes, apesar de não ser commodo para nenhum dos executantes.

O rythmo foi bem mantido e a technica não foi prejudicada.

Tanto no quintetto de Schummam, executado no primeiro concerto como no trio de Mendelsshon ouvido no segundo, foram sempre os andantes que obtiveram execução mais cuidada e perfeita.

Nas sonatas de Grieg, quer para violino quer para violoncello, mostraram os srs. Forsini, Quilez e Bonet o seu alto valor artistico.

Fazemos votos para que os artistas não desaninem e continuem assim a proporcionar-nos horas de incontestavel prazer.

L. C.

* *

Em 23 realisou-se no Conservatorio o concerto de Thomaz de Lima

Mesmo para quem já conhecia o moço violinista, foi uma surpresa, uma agradável surpresa a maneira por que elle se

apresentou ao infelizmente pouco numeroso publico que vimos na sala.

No entanto, pela pura atmospheria que ali se respirou por alguns momentos, pela nobre paixão de arte e pela alta probidade artistica do executante, bem merecia elle que os nossos amadores tivessem ido ouvi-lo.

Desde o concerto em *la maior* de Mozart, com acompanhamento de orchestra, até ao concerto de Pietro Nardini, igualmente executado com ella, passando pelas tres peças a solo, romanza de Svendsen, andantino do padre Martini, transcripto por Kreisler e scherzo de Franz Ries, Thomaz de Lima patenteou qualidades de som, competencia techica, segurança de afinação e gosto de escolha, que o collocam na boa linha dos musicos serios e conscienciosos.

O modo como por exemplo disse o adagio de Mozart e o andantino de Martini é o bastante para o definir como um artista que põe o talento e a emoção ao serviço do que é bello e grande, e pôde exercer um influxo educativo.

Ainda com orchestra se fez applaudir nos czardas de Hubay, tendo tido assim ensejo de tornar conhecido outro aspecto da sua evidentemente não vulgar organização artistica.

Completeram o concerto dois trechos de canto em que respectivamente se fizeram applaudir, a Ex.^{ma} D. Clara de Almeida n'um trecho da *Madame Butterfly* e o já apreciado baixo sr. Motta Marques, na romanza *Non tornó* de Titto Matei, partilhando dos applausos o maestro Francesco Codivilla que acompanhou ao piano os sympathicos amadores, que julgamos serem seus discipulos.

O nosso illustre compatriota maestro David de Sousa dirigiu a orchestra, e logo na linda pagina de Couperin *La Précieuse* evidenciou os dotes de regente erudito que o distinguem e que nas outras peças não fez senão confirmar.

Emfim, uma boa tarde de arte que, repetimos, é pena não houvesse sido apreciada por mais pessoas, das que dizem gostar de musica.

*
*
*

No domingo, 23, effectuou-se no Salão Jardim da Trindade o primeiro dos concertos symphonicos promovidos no Porto e dirigidos pelo distincto artista sr. Raymundo de Macedo.

O programma, de cujo exito ainda não tivemos noticia á hora em que escrevemos, era de primeira ordem e continha

entre outras obras a *Quinta Symphonia* de Beethoven; as aberturas do *Rienzi*, do *Freyschutz*, do *Tannhäuser* e da *D. Mécia* do nosso Oscar da Silva; o preludio do *Manfred* de Reinecke; o *Preislied* dos *Mestres*; a *Danse des Sylphes* da *Damnation*, etc.

Agradecemos penhoradamente á direcção dos Concertos o bilhete de entrada permanente, que teve a gentileza de enviar-nos.



PORTUGAL

Estão quasi concluidos os trabalhos de construcção do Polytheama, novo theatro com que a audaciosa iniciativa de Luiz Pereira dotou a nossa capital, e que fica situado, como se sabe, em frente do Colyseu dos Recreios.

O Polytheama dispõe desde já d'um optimo e vasto theatro, illuminado pelo processo mais moderno e confortavel, e dispondo de um palco de excepcional amplitude, onde se poderão montar os scenarios mais complicados. Tem frisas, camarotes de 1.^a e 2.^a ordem, duas ordens de balcões e um amphitheatro em toda a largura da sala. A decoraçáo é a branco e ouro e o tecto foi pintado pelo notavel artista Salgado. As sahidas, em caso d'incendio, são espaçosas e faceis, tanto pela rua de Santo Antão, como pela rua dos Condes, junto ao Olympia.

Consta-nos que abrirá brevemente: o novo theatro, propondo-se o arrojado empresario a explorar todo o genero d'espectaculos elegantes, desde as peças de grande espectáculo e luxo até aos concertos symphonicos, para cuja direcção foi convidado o novel maestro David de Sousa.

*
*
*

A nossa agenda de concertos marca as seguintes datas para as audições do *Orpheon Portuense*:

Mary Mayrand (canto) e Pedro Augiêras (piano) para 11 e 13 de dezembro; Alfred Cortot (piano) para 3 e 5 de janeiro; Su-

zanne Godenne (piano) e Joseph Szigeti (violino) para 21 e 23 do mesmo mez.

Os concertos d'inauguração da presente serie foram em 12 e 14 do corrente com a Sociedade d'Instrumentos de Sôpro, de Paris, que entre outras obras notaveis fez ouvir o *Trio* de Haendel para flauta, oboé e fagote, o *Capricho sobre arias dinamarquezas e russas* de Saint-Saëns, para quarteto, os *Quintetos* de Mozart, Beethoven (op. 16), Lefebvre e Pierné e o *Sexteto* de Thuille. As partes de piano foram confiadas ao distincto pianista G. de Lausnay, que, no segundo concerto, tocou tambem a solo alguns trechos de Chopin, Rameau e Schubert.

Eis as peças obrigadas para o curso geral de piano, durante o corrente anno lectivo :

1.º ANNO

Rondó em sol menor, de Mozart; *Bagatelle*, op. 33, de Beethoven; *Sonata* em lá maior, de Paradies.

2.º ANNO

Sonata em dó maior, de Haendel; *Nocturno* em si bemol, de Field; *Chanson mélancolique*, op. 4, n.º 3, de Sapelnikoff.

3.º ANNO

Minuette, Gavotte, Gigue portugaise, da suite *Vieilles*, de Augusto Machado; *Minuette caprichoso*, de J. Neuparth; *Allemande, Courante et Gigue*, em lá maior, de Bach.

4.º ANNO

Rondó em lá menor, de Mozart; *Andante et Variation*, de Haydn; *Impromptu*, op. 16, de Rubinstein.

5.º ANNO

Sonata em lá menor, op. 2, n.º 2, de Beethoven; *Polonaise*, op. 46, de Mac Dowell; *Caprice*, op. 52, n.º 2, de C. Cui.

Entende-se que, em cada um dos annos, só é exigida uma das peças acima indicadas.

Estão já annunciados, *sine die*, os quatro concertos que a *Sociedade de Musica de Camara* se propõe realisar por assignatura, e nos quaes figuram obras instrumentaes de Dvorák, F. Ries, V. d'Indy, C. Franck, York Bowen, Saint-Saëns, Grieg, Lekeu, R. Strauss e E. Moore, assim como diversas peças de canto de

Grovlez, Reynaldo Hahn, Lazzari e Debussy.

Trata-se, como se vê, de um cyclo de obras modernas, de absoluto interesse, e muitas d'ellas ainda desconhecidas entre nós.

Ao que nos consta a assignatura vae-se avolumando consideravelmente.

Começaram em 26 os concursos para pensionistas do estado no estrangeiro. Tiveram logar nessa data os de contraponto, seguindo-se a 28 os de violoncello, a 29 os de violino, a 2 de dezembro os de piano e a 3 os de canto.

As provas dão-se no salão do Conservatorio, sendo os professores d'esse estabelecimento e os membros do Conselho de Arte que constituem as mesas do jury.

No proximo numero daremos nota mais pormenorizada d'estes concursos.

No numero 276 do nosso illustre colega diario *O Primeiro de Janeiro*, apparece um conceituoso artigo de Julio Dantas sobre o *fandango* e outras danças que se popularisaram em Portugal durante o seculo XVIII.

O consul de Portugal em Berlim promoveu a creação de uma operetta genuinamente portugueza, tanto no libretto como na partitura, para ser representada n'aquella capital.

N'esse intuito, a Sociedade de Propaganda de Portugal convidou varias entidades em evidencia no nosso meio musical e theatral a fornecerem-lhe os documentos precisos para a realisação d'essa ideia, sobretudo no que diz respeito ás melodias populares que devem constituir o *canavas* da peça.

Suppomos que serão allemães os auctores da operetta. E aqui cabe uma pergunta, feita na melhor boa fé. Bastará um punhado de canções portuguezas para que um compositor allemão faça uma peça genuinamente portugueza?

ESTRANGEIRO

Para a direcção da Opera de Paris foi nomeado Jacques Rouché, amador musical e theatral muito conhecido na sociedade franceza, e genro do conhecido per-

fumista Piver. Foi director da *Grande Revue*, e do Théâtre des Arts.

O novo director da primeira scena parisiense chamou Camille Chevillard para com elle collaborar como chefe de todos os trabalhos musicaes.

A *Sociedad Filarmónica de Madrid* enviou nos o seu *Calendario de conciertos*, annunciando as varias audições que a prestante agremiação organisou para a presente epoca.

Eis as notabilidades musicaes que vão desfilar nas salas da *Filarmónica*: O mezzo-soprano Ilona K. Durigo e o pianista Ricardo Viñes; o violinista Georges Enesco e o pianista Maurice Dumesnil; a Sociedade de Instrumentos Antigos, de Paris; o Quarteto Tchèque; e o Quarteto Rosé, de Vienna, com o pianista Richard Epstein.

Do illustre compositor brasileiro e nosso prezado amigo João Schwarz Filho recebemos a segunda edição do seu brilhante *Rondó mauresco* e transcripções a quatro mãos de *Tarantella* e *Pyrilampos*.

Com o maior prazer recomendamos ás nossas leitoras pianistas estas novidades musicaes, que são de effeito e exito seguros.

Quando Wagner estava em Dresde, preparou o *Stabat Mater* de Palestrina para a Hofkirche e no Parsifal fez uma citação dessa obra. Como crêmos que o facto não é geralmente conhecido chamaremos a attenção para a phrase de Gurnemanz: «Bei welchen Heiden weiltest du, zu wissen nicht dass heute der allerheiligste Charpeitay ist?» (Junto de que Pagãos estiveste tu para não saber que hoje é a sacratissima Sexta-feira Santa?) Com as tres ultimas palavras ouvem-se os tres primeiros accordes do *Stabat Mater* na orchestra.

Um acontecimento musical que revestiu bastante interesse e importancia foi a inauguração das salas de concerto da Academia Imperial e Real de Musica, em Vienna.

São tres as novas salas, sendo a maior, que tem uma lotação de 2:000 pessoas, destinada ás grandes audições symphonicas. Tanto essa como a segunda, para 900

logares, dispõem de bellos órgãos de concerto. A mais pequena das tres é destinada ás audições de musica de camara e não comporta mais de 400 ouvintes.

No mez passado fez-se a experiencia da grande sala, sob o ponto de vista da acustica, que foi considerada excellente, depois da execução da *Nona Symphonia*, de uma fantasia de Bach para órgão e de varias obras d'orquestração moderna.

Sob o titulo de *Monna Lisa*, vae apparecer dentro em pouco uma opera de Max Schillings, cuja estreia terá provavelmente lugar em Stuttgart.

A heroína não é senão a famosa Gioconda, cujo retrato, obra prima de Leonardo de Vinci, foi roubado em tempos das galerias do Louvre.

Claude Debussy está concluindo um bailado para creanças, *La boîte à joujoux*, feito sobre argumento do conhecido desenhista André Hellé.

A peça, que dizem ser cheia de fantasia e de *humour*, é destinada a uma das mais elegantes scenas parisienses.

Fazendo *pendant* a uma noticia que demos sobre a pianola no ultimo numero, devemos acrescentar que este aparelho figurou ha pouco em um grande concerto em Paris, sendo n'elle executado com acompanhamento d'orchestra o *Concerto* de Grieg e a *Fantasia hungara* de Liszt.

O concerto teve lugar em 5 d'este mez no theatro dos Campos Elyseos, sendo director d'orchestra o nosso conhecido Camille Chevillard.

Como consequencia, aliás prevista, da representação da *Princesa Bizarka*, a que largamente nos referimos em um dos ultimos numeros, foi supprimida á princeza Luiza a pensão annual de 40:000 marcos que recebia do governo de Saxe.

O exito da peça foi, de resto, infeliz. Apezar de posta em scena com grande luxo e executada com diligente sollicitude, foi ouvida pelo publico romano com manifesta frieza nos dois primeiros actos e com mostras de irritada reprovação no ultimo.